

NEWS

O ano em que os wearables pensam localmente

A IA passa para o corpo e confirma, com isso, o princípio da ScreenWay

12 de julho de 2026, Tobias Engl



Em 2026, o wearable aprendeu a calcular. No MWC em Barcelona, a Qualcomm apresentou o Snapdragon Wear Elite, o primeiro chip para o pulso com uma unidade de processamento de IA própria. Executa modelos de linguagem com até dois mil milhões de parâmetros diretamente no relógio, sem passar por um centro de dados. Reconhecimento de voz, reconhecimento de objetos, um assistente que faz perguntas. Isso acontece agora no corpo. O que durante muito tempo foi uma transmissão de dados para a nuvem torna-se um aparelho autónomo.

Os óculos puxam pelo mercado. A Google mostrou os seus primeiros óculos com IA em conjunto com a Samsung e a Warby Parker, a Meta vende os Ray-Ban Display com a ótica waveguide da Lumus, fabricada em vidro especial da Schott, e da China chegam a RayNeo, a Rokid e a Xreal com o peso puro dos volumes de produção. No dedo, os anéis substituem o relógio. No ouvido, o auricular torna-se um aparelho auditivo homologado. No horizonte, a inteligência assenta no olho, na lente de contacto, e no pulso como uma banda neuronal que traduz sinais musculares em comandos.

A escala já não é um fenómeno de nicho. Na CES, quase metade dos expositores de óculos vinha da China, as receitas com óculos de IA deverão quadruplicar no espaço de um ano, e a Apple desloca o seu foco dos óculos Vision para óculos leves de uso diário. A IA vestível tornou-se uma plataforma sobre a qual todo o setor se lança.

Por mais diferentes que estes aparelhos sejam, colocam a mesma pergunta... onde são processados os dados que o corpo fornece? São os dados mais sensíveis que um ser humano produz, do ritmo cardíaco ao sono e à atividade cerebral. A resposta do setor é clara. Processa localmente. On-device significa menor latência, maior autonomia da bateria e valores medidos que não saem do aparelho. Pela mesma razão, a UE, com o seu Regulamento da IA, e países como a Coreia do Sul apertam as regras para os wearables de saúde.

É exatamente esta, desde sempre, a posição da ScreenWay, só que para o espaço em vez do corpo. O que o novo relógio faz no pulso, a ScreenWay fá-lo para o ecrã na parede. Processamento no local, alojamento na Europa, ligação ao que já existe. Enquanto o mundo aproxima a sua inteligência das pessoas, a ScreenWay mantém-na perto do local e sob o controlo de quem lá trabalha. O wearable e o ecrã pertencem à mesma camada. Chama-se IA física, e o melhor é que fique local.